

M E R E D I T H R U S S O

APENAS

UMA

GAROTA



APENAS

UMA

GAROTA

M E R E D I T H R U S S O

APENAS

UMA

GAROTA

Tradução de Joana Faro



Copyright © 2016 by Alloy Entertainment
Publicado mediante acordo com Rights People, London.

TÍTULO ORIGINAL
If I Was Your Girl

PREPARAÇÃO
Cristiane Pacanowski
Paula de Carvalho

REVISÃO
Rayana Faria
Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Liz Dresner e Elaine C. Damasco

FOTO DE CAPA
Michael Frost

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R931a

Russo, Meredith

Apenas uma garota / Meredith Russo ; tradução Joana Faro.
— 1. ed. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
240 p. : il ; 23 cm.

Tradução de: If I was your girl
ISBN: 978-85-510-0201-8

1. Ficção americana. I. Faro, Joana. II. Título.

17-40759

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Vivian e Darwin, por me darem a honra de ser mãe.

Para Juniper, que foi uma grande fonte de inspiração com suas histórias e me incentivou quando achei que não conseguiria mais seguir em frente.

Para meus pais, por não surtarem quando me formei em escrita criativa (com especialização em estudos femininos para completar).

Para todos os meus antepassados, homens e mulheres, por se rebelarem, lutarem, sobreviverem aos males e chorarem a perda de amigos, por enfrentarem dores que nem posso imaginar, para me proporcionarem as oportunidades e liberdades que tenho hoje.

Para meus irmãos e irmãs, por sobreviverem todos os dias e serem lindos por dentro e por fora em um mundo que está longe de ser seguro.

Para os garotos e garotas que se sentem sozinhos e com medo, que não veem uma saída, que sentem que as coisas nunca vão melhorar.

Para todos aqueles que não resistiram, que agora descansam em poder e cujos nomes jamais esqueceremos.

Este livro é para todos vocês.

1

O ÔNIBUS CHEIRAVA A MOFO, ÓLEO DE MOTOR E SUOR. ENQUANTO o subúrbio de Atlanta ficava para trás, eu dava batidinhas com o pé no chão e mastigava uma mecha do meu cabelo, que crescera havia pouco tempo. Uma voz irritante me lembrava de que eu só estava a meia hora de distância de casa, que se descesse no ponto seguinte e voltasse andando para Smyrna, ao pôr do sol já estaria no conforto do meu quarto, sentindo o cheiro familiar da comida altamente calórica da minha mãe. Ela me abraçaria, nós nos sentaríamos para ver algum reality show ruim, mamãe pegaria no sono na metade do programa e tudo continuaria igual.

Mas seguia precisava mudar. Porque eu tinha mudado.

Enquanto eu observava as árvores que passavam rapidamente lá fora, minha mente me levava de volta ao banheiro de um shopping da cidade. As imagens se mesclavam como um caleidoscópio: uma garota da escola, seu grito ao me reconhecer. O pai dela entrando às pressas, mãos ásperas e ágeis segurando meu pescoço e meus ombros. Meu corpo caindo no chão.

— Você está bem? — pergunta alguém, praticamente gritando no meu ouvido.

Ergui o rosto e vi um cara de fones com o queixo apoiado no encosto do banco à minha frente. Ele abriu um sorriso torto ao tirar os fones.

— Desculpe.

— Tudo bem — falei.

Ele ficou me encarando, tamborilando os dedos no apoio de cabeça. Senti que deveria dizer alguma coisa, mas temi que minha voz fosse me entregar.

— Para onde você está indo?

Ele se debruçou no encosto do assento feito um gato, jogando os braços para a frente até quase encostar nas minhas canelas. Desejei me encolher até virar uma bolinha blindada e me esconder dentro da mala.

— Lambertville — respondi, hesitante, com a voz baixa. — Para Hecate County.

— Estou indo para Knoxville — disse ele, então começou a falar da sua banda, a Gnosis Crank.

Percebi que ele só tinha perguntado para onde eu ia por formalidade, uma desculpa para tagarelar sobre si mesmo, mas não me importei: pelo menos eu não precisaria falar muito. Ele me contou que ia fazer o primeiro show pago em um bar em Five Points.

— Legal — comentei.

— A maioria das nossas músicas está disponível na internet, se você quiser ouvir.

— Vou procurar.

— Aliás, como você arranjou esse olho roxo?

— Eu...

— Foi seu namorado?

Minhas bochechas ficaram quentes. O cara coçou o queixo. Ele achava que eu tinha namorado. Achava que eu era uma garota. Em outras circunstâncias, isso teria me feito pular de felicidade.

— Eu cáí.

O sorriso dele se transformou em uma expressão triste.

— Era isso que minha mãe dizia aos vizinhos — contou. — Ela merecia coisa melhor, e você também.

— Certo. — Apenas assenti. Talvez ele tivesse razão, mas o que eu merecia e o que podia esperar da vida eram duas coisas bem diferentes. — Obrigada.

— Imagina — disse ele, recolocando os fones nos ouvidos. Então sorriu e completou, alto demais, antes de voltar a se sentar: — Foi um prazer conhecer você.

Lá pela metade da viagem, mandei uma mensagem para minha mãe, avisando que estava bem e já quase chegando. Ela respondeu que me amava, embora eu conseguisse sentir sua preocupação até mesmo pelo celular. Eu imaginei minha mãe em casa, totalmente sozinha, ouvindo Carrie Underwood sem parar com o sussurro do ventilador de teto ao fundo. As mãos cobertas de farinha, biscoitos demais assando no forno porque ela estava acostumada a cozinhar para duas pessoas. Se eu tivesse sido forte o bastante para ser normal, pensei, ou pelo menos forte o bastante para morrer, todo mundo seria feliz.

— Próxima parada, Lambertville — anunciou o motorista do ônibus pelo alto-falante, o som dissonante e metálico.

Do lado de fora, a paisagem não tinha mudado nada. As montanhas continuavam iguais. As árvores também. Poderíamos estar em qualquer ponto do Sul, ou seja, no meio do nada. Parecia o tipo de lugar onde meu pai moraria.

Quando o ônibus parou, minhas mãos tremiam. Fui a única passageira a se levantar. Enquanto pegava minhas coisas, o músico interrompeu a leitura de sua revista e assentiu. Um homem mais velho de pele curtida e camisa de botão suada me olhou dos pés à cabeça, sem fazer contato visual. Virei para a frente e fingi não notar.

A porta se abriu com um ruído, e o motor do ônibus soltou um chiado. Fechei os olhos, sussurrei uma oração rápida para um deus que eu não sabia se ainda me ouvia e descí. A atmosfera quente, pegajosa e úmida da tarde me atingiu em cheio.

Fazia seis anos que eu não via meu pai. Imaginara este momento muitas vezes. Correria até ele e o abraçaria, ele beijaria o topo da minha cabeça e, pela primeira vez em muito tempo, eu me sentiria segura.

— É você? — perguntou meu pai, com a voz abafada pelo ronco do ônibus.

Estreitei os olhos por causa da luz forte. Ele usava óculos escuros com armação de metal, e pelo menos metade de seu cabelo estava grisalha. Tinha rugas profundas ao redor da boca. Mamãe as chamava de “rugas de risadas”, o que me fazia questionar como elas tinham ido parar ali. Apenas sua boca continuava como eu lembrava: a mesma fenda fina e horizontal.

— Oi, pai.

Graças aos óculos escuros era mais fácil encará-lo. Nós dois ficamos imóveis.

— Oi — disse ele, depois de um tempo. — Coloque suas coisas na mala.

Ele abriu o porta-malas e entrou no carro. Guardei minha bagagem e fiz o mesmo. Eu me lembrava daquele carro; tinha pelo menos dez anos, mas meu pai era bom em mecânica e deve ter cuidado bem dele.

— Você deve estar com fome — comentou ele.

— Na verdade, não.

Fazia um tempo que eu tinha parado de sentir fome. Também já não chorava mais. Basicamente, só me sentia entorpecida.

— Você precisa comer. — Ele olhou de relance para mim ao sair do estacionamento. As lentes de seus óculos tinham ficado transparentes, e por trás delas seus olhos eram castanho-claros, quase cinzentos. — Tem uma lanchonete perto de casa. Se formos lá agora, seremos praticamente os únicos clientes.

— Que bom. — Meu pai nunca foi uma pessoa sociável, mas uma vozinha dentro da minha cabeça dizia que ele não queria ser visto comigo. Respirei fundo. — Seus óculos são legais.

— É? — Ele deu de ombros. — Meu astigmatismo piorou. Esses óculos têm salvado a minha vida.

— Que bom que você está se cuidando — falei, em um tom hesitante que refletia meu constrangimento.

Baixei o rosto.

— Sabe, você puxou os meus olhos. Se cuide também.

— Sim, senhor.

— Vou levar você ao oftalmologista em breve. Precisamos mesmo dar uma olhada nesse olho roxo.

— Sim, senhor.

Um outdoor, antes escondido atrás das árvores, mostrava o desenho de um soldado disparando raios vermelhos, brancos e azuis de uma bazuca. FOGOS DE ARTIFÍCIO GENERAL BLAMMO. O carro fez uma curva, encarando o sol, e as lentes dos óculos do meu pai escureceram outra vez, escondendo seus olhos. Seu maxilar estava trincado, eu não conseguia interpretar o que aquilo significava.

— O que minha mãe falou para você?

— Que estava preocupada. Disse que não era mais seguro para você morar lá.

— Ela contou o que aconteceu no segundo ano? Quando eu... estive no hospital?

Percebi que ele segurava o volante com força. Não tirou os olhos da estrada e ficou em silêncio enquanto passávamos por um velho prédio de tijolos com um campanário desbotado pelo tempo. A placa dizia IGREJA BATISTA NOVA ESPERANÇA. Havia um Walmart atrás.

— Podemos falar disso mais tarde.

Ajeitou os óculos e suspirou. Suas rugas pareceram mais profundas. Eu me perguntei como ele tinha envelhecido tanto em seis anos, mas lembrei o quanto eu também havia mudado.

— Desculpe. Não deveria ter tocado nesse assunto. — Fiquei olhando pela janela as fazendas de tabaco, que mais pareciam uma colcha de retalhos. — É que você nunca ligou nem escreveu.

— Eu não sabia o que dizer. Tem sido difícil aceitar... tudo isso.

— Você aceitou agora que me viu?

— Me dê um tempinho, camarada. — Sua boca se franziu ao formar a última palavra, tão estranhamente informal para ele. — Acho que sou antiquado, só isso.

A seta do carro piscava no ritmo dos meus batimentos cardíacos enquanto meu pai desacelerava. Paramos em frente ao Vagão Lanchonete Sartoris, um vagão de locomotiva de verdade sobre uma fundação de concreto.

— Entendo. — Imaginei como devia ser para ele, e minha mente rapidamente se encheu de todas as piores coisas que eu já tinha sentido em relação a mim mesma. — Mas meu nome agora é Amanda, caso você tenha esquecido.

— Tudo bem — disse ele, depois desligou o motor, abriu a porta e hesitou. — Tudo bem, Amanda. Eu vou conseguir.

Andou até a porta da frente daquele jeito mecânico, com as mãos nos bolsos e os cotovelos formando ângulos simétricos. Não pude deixar de notar meu reflexo na janela: uma adolescente desengonçada de cabelo castanho comprido, usando uma camisa de algodão e um short amarrotados por causa da viagem.

O sininho da porta tocou quando entramos na lanchonete vazia. Uma garçonete sonolenta ergueu o rosto e sorriu.

— Olá, Sr. Hardy!

— Boa tarde, Mary Anne — cumprimentou ele, abrindo um sorriso enorme e acenando enquanto nos sentávamos ao balcão.

O sorriso me causou vertigem. Meu pai sorria quando, aos sete anos, contei que queria tentar entrar na Liga Infantil de Beisebol. Sorria quando, aos nove, aceitei caçar com ele. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma outra vez.

— Soube que sua avó teve um derrame. Ficou tudo bem? — perguntou ele.

— Segundo ela, o céu não a quer por lá, e o inferno tem medo de que ela chegue tomando conta do lugar — disse a garçonete, se aproximando e tirando um caderno e uma caneta do bolso do avental. — Mas a fisioterapia tem sido um desafio.

— Se todo mundo consegue, ela também vai conseguir — comentou meu pai, deslizando o cardápio de volta para ela sem olhar. — Chá com açúcar e uma salada Caesar com frango, por favor.

Ela assentiu.

— E quem é essa com você? — perguntou Mary Anne, se voltando para mim.

Meus olhos dispararam dela para meu pai.

— Sou a Amanda — respondi. Ela parecia esperar mais alguma informação, mas eu não fazia ideia do que meu pai tinha revelado às pessoas sobre a própria família. E se tivesse dito que tinha um filho único? Entreguei meu cardápio a ela com as mãos trêmulas. — Gostaria de um waffle e uma Coca Diet, por favor, senhora, obrigada.

— Ela é minha filha — disse meu pai depois de um momento, com a voz vacilante.

— Bem, é a sua cara!

Nós trocamos um olhar desconfortável enquanto Mary Anne ia buscar as bebidas.

— Ela parece legal — falei.

— É uma boa garçonete — respondeu ele, assentindo, tenso.

Tamborilei os dedos no balcão e balancei o pé para a frente e para trás, distraída.

— Obrigada por me deixar ficar com você — falei, baixinho. — Significa muito para mim.

— Era o mínimo que eu podia fazer.

Mary Anne trouxe nossa comida e pediu licença para atender dois senhores de cabelo branco e camisas xadrez.

Um dos homens foi falar com meu pai. Tinha um nariz redondo cheio de veias roxas, e os olhos ficavam escondidos sob sobrancelhas escuras.

— Quem é essa belezinha? — perguntou ele, se desviando do meu pai e acenando para mim.

— Amanda — murmurou. — Minha filha.

O homem assobiou e deu um tapinha no ombro do meu pai.

— Ora, não é de estranhar que eu nunca a tenha visto! Se eu tivesse uma filha tão bonita quanto essa, também a esconde-

ria. — Minhas bochechas ficaram vermelhas. — Se algum dos garotos ficar de gracinha, é só me dizer, que eu empresto minha espingarda.

— Acho que isso não vai ser um problema — respondeu meu pai, hesitante.

— Ah, vá por mim — disse o homem, dando uma piscadela. — Tive três filhas, nenhuma tão bonita quanto a sua, mesmo quando eram novas, e ainda assim precisei de uma arma para manter os garotos longe.

— Tudo bem — falou meu pai. — Obrigado pelo conselho. Acho que seu café está esfriando.

O homem se despediu, deu outra piscadela e foi com passos firmes até seu lugar. Eu olhei para a frente. Com o canto do olho, vi que meu pai fizera o mesmo.

— Podemos ir embora? — perguntou, finalmente.

Sem esperar resposta, ele se levantou e jogou uma nota de vinte dólares no balcão, ao lado das refeições que deixamos pela metade. Entramos no carro e saímos do estacionamento sem trocar nem um único olhar.

NOVEMBRO, TRÊS ANOS ANTES

A CAMA DO HOSPITAL RANGEU QUANDO MINHA MÃE SE SENTOU e acariciou minha perna por cima do cobertor fino. Um sorriso forçado repuxava suas bochechas, mas não se refletia nos olhos. Suas roupas estavam largas. Pelo tanto que emagreceu, devia estar sem comer desde que fui internado.

— Eu conversei com o psicólogo — disse ela.

Seu sotaque era leve e musical, muito diferente do meu.

— Sobre o quê?

Minha voz não tinha nenhuma sonoridade: era monótona, inexpressiva, com um levíssimo tom grave que me fazia perder a vontade de falar para sempre. Senti um embrulho no estômago.

— Perguntei se já é seguro você voltar para casa. Falei que estava com medo do que poderia fazer quando ficasse sozinho. Não posso mais faltar ao trabalho, e não aguentaria se chegasse em casa e encontrasse você... — Ela se calou, olhando para a parede amarelo-clara.

— O que ele disse?

Eu tinha conversado com o psicólogo alguns dias antes. Quando ele perguntou o que me incomodava, escrevi cinco palavras em um bloco de papel, pois minha garganta ainda estava dolorida demais por causa da lavagem estomacal.

— Ele disse que há formas de tratar seu problema. Mas não falou quais são.

Ela olhou para mim.

— Você não vai querer que eu volte para casa se eu contar qual é o meu problema — falei, baixando os olhos. — Nunca mais vai querer me ver.

Havia semanas que eu não falava tanto de uma vez. O esforço fez minha garganta doer.

— Isso é impossível — retrucou ela. — Deus não pode ter criado nada capaz de acabar com o amor que sinto pelo meu filho.

Repousei o pulso no peito e olhei para baixo. A pulseira de identificação informava que meu nome era Andrew Hardy. Se eu morresse, percebi, Andrew seria o nome que colocariam na minha lápide.

— E se seu filho dissesse que é sua filha?

Minha mãe ficou quieta por um instante. Pensei nas palavras que eu escrevera para o psicólogo. *Eu deveria ter nascido menina.*

Finalmente, ela me encarou. Sua expressão era feroz, apesar das bochechas redondas e coradas.

— Preste atenção. — Ela apertou minha perna com força suficiente para que eu sentisse dor apesar da dormência que os remédios me causavam. Quando ela falou, eu escutei: — Qualquer coisa, qualquer *pessoa*, é melhor que um filho morto.

SEU PASSADO
NÃO IMPEDE
QUE VOCÊ
TENHA
UM FUTURO.

ISBN 978-85-510-0201-8



9 788551 002018

www.intrinseca.com.br